

ALBERTO DE OLIVEIRA TRADUTOR

Tatiana Fantinatti (UFRJ)
tatianafantinatti@hotmail.com

Homenageando Alberto de Oliveira em seu sesquicentenário, queremos estudar-lhe uma das atividades literárias menos conhecidas, que é a de tradutor, aqui exemplificada na tradução do poema “Le Cygne”, de Sully Prud’homme (1839-1907), escritor do parnasianismo francês, da Academia Francesa de Letras, primeiro a receber o prêmio Nobel de Literatura, em 1901.

O assunto reclama uma conceituação do que seja tradução e, principalmente, tradução de poesia. Traduzir é deslocar um texto da sua língua de origem a outra língua, pretendendo conservar as características todas que nele se encerram, como traços culturais e estilo do autor, entre outras. Sabemos que não se pode dispor de perfeita correspondência entre os diferentes sistemas lingüísticos, e que quando palavras se equivalem na estrutura, não necessariamente o fazem na função. A tradução de poesia, porém, mais do que correspondências precisas entre palavras, requer correspondência de sonoridade, manutenção das rimas, conformidade do número de sílabas métricas e do próprio esquema poemático. Enfim, demanda recriação. Em nenhum outro tipo de tradução, como no de poesia, é tão clara a questão da co-autoria do tradutor. É ele quem deve entregar um novo texto ao leitor, com a mensagem do original, mas com uma nova silhueta, trabalhada dentro da sonoridade da língua de chegada. Entendemos, portanto, que, no sentido lato, e quando o poema é emoldurado por uma estrutura como a que citamos acima, não existe tradução de poesia, e sim tradução-recriação. Se, num poema traduzido, não for mantida a estruturação, e a mensagem for traduzida literalmente, julgamos que apenas a metade do objetivo foi alcançado, i.e., o de transmitir o conteúdo, mas não a forma. Tampouco é possível transportar a mensagem em formas idênticas, tendo em vista as dessemelhanças das línguas, e por isto é que chamamos a tradução de poesia de tradução-recriação. Os poemas de versos livres e sem esquema poemático admitem uma tradução mais aproximativa, pois não há neles a preocupação-desafio de manter esquemas rítmicos e métricos. Já as formas fixas, como o poema em questão, exigem do

CRÍTICA LITERÁRIA I

tradutor modificações livres para estruturar os citados metro e rima, a exemplo do original.

Eis o poema e sua tradução:

LE CYGNE	
<i>Sully Prudhomme</i>	
Sans bruit, sous le miroir des lacs profonds et calmes,	1
Le cygne chasse l'onde avec ses larges palmes,	
Et glisse. Le duvet de ses flancs est pareil	3
A des neiges d'avril qui croulent au soleil ;	
Mais, ferme et d'un blanc mat, vibrant sous le zéphire,	5
Sa grande aile l'entraîne ainsi qu'un blanc navire.	
Il dresse son beau col au-dessus des roseaux,	7
Le plonge, le promène allongé sur les eaux,	
Le courbe gracieux comme un profil d'acanthé,	9
Et cache son bec noir dans sa gorge éclatante.	
Tantôt le long des pins, séjour d'ombre et de paix,	11
Il serpente, et, laissant les herbages épais	
Traîner derrière lui comme une chevelure,	13
Il va d'une tardive et languissante allure.	
La grotte où le poète écoute ce qu'il sent,	15
Et la source qui pleure un éternel absent,	
Lui plaisent ; il y rôde ; une feuille de saule	17
En silence tombée effleure son épaule.	
Tantôt il pousse au large, et, loin du bois obscur,	19
Superbe, gouvernant du côté de l'azur,	
Il choisit, pour fêter sa blancheur qu'il admire,	21
La place éblouissante où le soleil se mire.	
Puis, quand les bords de l'eau ne se distinguent plus,	23
A l'heure où toute forme est un spectre confus,	
Où l'horizon brunit rayé d'un long trait rouge,	25
Alors que pas un jonc, pas un glaïeul ne bouge,	
Que les rainettes font dans l'air serein leur bruit,	27
Et que la luciole au clair de lune luit,	
L'oiseau, dans le lac sombre où sous lui se reflète	29
La splendeur d'une nuit lactée et violette,	
Comme un vase d'argent parmi des diamants,	31
Dort, la tête sous l'aile, entre deux firmaments.	

O CISNE

(Tradução de *Alberto de Oliveira*)

Calmo, do espelho azul d'água profunda e calma	1
À face, errando, os pés, lânguido, o cisne espalma	
E desliza. Da neve os raros flocos brancos	3
Lembra o fino frouxel que lhe amacia os flancos;	
Línea vela parece a asa que encurva e brande,	5
Esbelto, e ora retrai, ora sacode e expande.	
Entre as ninféias, indo, o alvo pescoço apruma,	7
Colhe-o após, some-o n'água, estende-o sobre a espuma,	
Curva-o mole e gracioso, e ânfora antiga imita.	9
Dos pinheiros ao longo, onde o silêncio habita	
E a paz e a sombra, vai; rastejando na esteira	11
Que atrás fica, semelha intonsa cabeleira	
A basta ervagem fresca a palpitar. A gruta,	13
Que a alma atraí do poeta e a voz da tarde escuta,	
Praz-lhe e a fonte que além flui, regurgita e bolha.	15
Vendo-as, lento se arrasta. Às vezes uma folha	
Leve cai do salgueiro e, em sua queda, leve,	17
Roça-lhe, muda sombra, as plumas cor de neve.	
Caminha agora ao largo: o implexo da ramagem	19
Deixa e a parte procura onde o esplendor selvagem	
Diz melhor com o brilhar d'água anilada e pura.	21
Do lago é a parte mais azul que ele procura;	
E lá vai... a cismar sobre as ondas serenas,	23
Entrega à luz do sol a brancura das penas.	
Depois, quando, em redor, se confundem – caindo	25
A noite – do amplo lago as margens, e no infundo	
Horizonte há somente um ponto avermelhado;	27
Quando tudo quedou, quando no ilimitado	
Do céu paira da lua o globo enorme e albente;	29
Quando acende o lampiro a luz fosforescente,	
E nem o menor sopro o débil junco embala:	31
O cisne, sob o olhar dessa noite de opala,	
Em seu lago sombrio, enfim, descansa; e, acaso	33
Visto de alguém, assim, lembra de prata um vaso...	
Põe sob a asa a cabeça, os olhos sonolentos	35
Fecha, e dorme, feliz, entre dois firmamentos.	

À guisa meramente de apoio, para acompanhar a leitura do original, proponho um esboço de tradução, o qual em nenhum momento se arrisca a emular a tradução em apreço, de Alberto de Oliveira. Por isto mesmo, não tentei produzir quaisquer rimas ou correspondências métricas, pensando apenas naqueles que, como eu, precisariam de muletas para se embrenhar nas línguas alheias:

CRÍTICA LITERÁRIA I

O CISNE

(Tradução de Tatiana Fantinatti)

Em silêncio, sob o espelho dos lagos profundos e calmos,	1
O cisne caça a onda com seus largos palmos,	
E desliza. O frouxel de seus flancos é semelhante	3
Às neves de abril que caem ao sol;	
Mas, firme e de um branco fosco, vibrante sob o zéfiro	5
sua grande asa o arrasta como a um branco navio	
Ergue seu belo pescoço entre juncos,	7
Mergulha-o, passeia-o alongado sobre as águas	
Curva-o gracioso como um perfil de acanto,	9
E esconde seu bico negro em sua garganta deslumbrante	
Ora ao longo dos pinheiros, morada de sombra e de paz	11
Ele serpeia, e, deixando as ervas espessas	
Arrastarem atrás dele como uma cabeleira,	13
Ele segue com lento e lânguido andar	
A gruta onde o poeta escuta o que ele sente	15
E a fonte que chora um eterno ausente	
Aprazem-lhe ; ele vaga ; uma folha de salgueiro	17
Que em silêncio caiu roça sua espádua	
Ora move-se ao longo, e, longe do bosque escuro,	19
Esplêndido, governante da margem azul,	
Escolhe, para festejar sua brancura, que ele admira,	21
O lugar deslumbrante onde o sol se mira.	
Depois, quando as margens da água não se distinguem mais,	23
Á hora em que toda forma é um espectro confuso,	
Em que o horizonte escurece riscado por um longo traço rubro	25
Agora que nem um junco, nem um gladiolo se movem	
Que as rãs fazem no ar sereno seu ruído	27
E que o vaga-lume brilha à luz da lua	
A ave, no lago sombrio sob a qual se reflete	29
O esplendor de uma noite láctea e violeta	
Como um vaso de prata entre os diamantes	31
Dorme, a cabeça sob a asa, entre dois firmamentos.	

A tradução de Alberto de Oliveira flui em 36 versos – o original tem 32– divididos em 18 pares de rimas distintas: como no original – que tem 16 pares–, de dois em dois versos constrói seu ritmo, o que lhe confere singular andamento, semelhante ao de dois pés do cisne, que suavemente deslizam nas águas, possibilitando a reflexão entre um e outro par de versos, uma e outra espalmada: calmes/palmes; pareil/ soleil; zéphire/navire; roseaux/eaux, e assim por todo o poema. Tal característica foi conservada em sua tradução: calma/espalma; brancos/ flancos; brande/expande; apruma/espuma,

até o fim. Mantendo imagens, o tradutor logra a função das rimas, em detrimento das palavras, como ocorre, de fato, em tal gênero de tradução. Um parnasiano traduz outro parnasiano. O tradutor entrega ao público, em outro invólucro, um texto impecável em formas, tendo haurido o cerne da mensagem. Reflitamos, aqui, sobre a adaptação que nasce desta sorte de traduções, posto que, ao tatear o poema pela forma, conclui-se que esta será abalada e comprometida, por vezes corrompida. Sejam-no, antes, as palavras. Mantenha-se-lhes, então, a alma, em corpo novo. Eis o que é tradução de poesia.

Nos versos 1 e 2, temos a repetição do adjetivo *calmo/calma*, que, abrindo e cerrando o mesmo verso, pode explicar-se pelo efeito sonoro – pois julgamos que *sans bruit* encontraria melhor correspondente em *silente*, comprometendo, porém, o número de sílabas – ora referindo-se ao cisne, ora à “água profunda”.

A seguir, em 3 e 4, as neves de abril, que caem ao sol, certamente são raras, por ser já primavera na Europa, o que também leva a inferir o adjetivo *fino*. A imagem, porém, não é observada na tradução – por falta de correspondências sazonais entre os continentes? –, mantendo, porém, a idéia da fina espessura das penas. Há uma inversão sintática, levando o sujeito, *o fino frouxel*, para depois do verbo, o que se repetirá ainda algumas vezes na tradução.

Em 5 e 6, temos a imagem do branco navio modificada para *línea vela*, o que lhe mantém o sentido do contexto: vela retilínea, que conduz uma embarcação. A vela é levada pelo vento, cuja imagem clara, entretanto, se perdeu, pois o original faz menção ao zéfiro, vento do Ocidente, filho de Éolo e de Aurora.

7 e 8: A imagem das ninféias, plantas aquáticas, substitui os ‘canaviais’ ou ‘juncos’, *les roseaux*. A espuma faria parte desse conjunto de figuras pertencentes ao ambiente poético, portanto explica a sua inclusão, embora não se lhe faça menção clara no original.

Vemos o v. 9 omitir “*acanthé*”, trazendo, em seu lugar, a imagem da ânfora. O acanto simboliza pureza e perfeição. Suas folhas longas podem lembrar a silhueta do pescoço de um cisne. A relação com a ânfora pode ver-se claramente, identificando o formato de suas asas ao do pescoço da ave, ou ainda, conjecturando, por comparecer, o acanto, em objetos arquitetônicos e decorativos. Pode-

CRÍTICA LITERÁRIA I

ria, igualmente, estar adiantando a imagem do vaso de prata, do final do poema?

O v. 10 é omitido, já passando a traduzir o que lhe segue. É onde começa a desequilibrar-se a correspondência física entre os versos. A partir daqui o cotejo se faz unicamente pelo argumento, e não mais pela divisão em versos correlatos.

Notemos que no original o 11º verso começa com *tantôt*, concluindo-se no 19º verso: *Tantôt [...] il serpente, [...] tantôt il pousse*. Tal distância entre os versos dificulta a percepção da sutil diferença entre o marcador temporal *às vezes*, adotado uma única vez, no v. 16 da tradução, e a repetição de *tantôt*, significando *ora... ora*. A inversão sintática se mantém na tradução: *Dos pinheiros ao longo [...] vai*.

O verso 14, *tardive et languissante allure*, é retomado no 16º verso da tradução, em *lento se arrasta*.

Em 15, 16 e 17 temos *la grotte [...] et la source [...] lui plaisent*, usando o verbo no plural. Já a tradução separa os dois sujeitos, um antes e outro depois do verbo, que irá no singular: *a gruta [...] praz-lhe e a fonte*. Perderam-se as imagens do poeta e a característica da fonte, que é “chorar um eterno ausente”. Como dissemos, provavelmente em procedimento de compensação¹², o marcador temporal *tantôt*, ressurgiu como *às vezes*, somente no v. 16.

No v. 19, o segundo *tantôt* introduz a expressão *pousser au large*, que, quando se trata do mar, de um lago ou rio, significa afastar-se da margem, i.e., *pousser*, empurrar para trás a água, modificando o percurso. *Loin du bois obscur* encontra correspondente em *o implexo da ramagem deixa* (v. 19-20), retomando aproximação numérica entre os versos.

Os versos 20 a 22 estão contidos nos versos 20 a 24 da tradução, que começa a alongar-se, o que mostra a recriação operada pelo tradutor.

12 Segundo Heloísa Gonçalves Barbosa, compensação é um procedimento de tradução usado quando não é possível transmitir na mesma frase ou um jogo de palavras ou uma determinada figura estilística, e o tradutor retoma, assim que possível, em outro trecho, tal figura, para que esta não se perca, compensando o trecho anterior.

Os versos 23 a 25, na tradução 25 a 27, trazem mais uma inversão sintática: *quando, em redor, se confundem [...] do amplo lago as margens*, cuja construção, tão rebuscada quanto aprazível, encontra pares na Poesia Parnasiana.

A figura do junco, do v. 26, é deslocada para o 31º verso. O v. 27 inteiro desaparece. *La luciole*, v. 28., é traduzida por *o lampiro*, v. 30. Desaparece também a imagem dos *diamants*, mas o sumo todo do poema encontra-se lá. Tradução-recriação, como se deveria chamar esta sorte de trabalho, que a diferenciaria de uma tradução livre (como a que apresentei acima, a qual tem só a finalidade da compreensão por parte do leitor, que não fruirá beleza alguma de ornamentação artística das palavras). A transparência da tradução não cabe quando se enfoca a poesia.

Até o fim do poema a rima é impecável, seguindo acentuação regular e deixando vestígios do estilo de seu tradutor co-autor. Pelo exposto, a tradução, a olhos argutos, apresenta pontos positivos e negativos. Levando-se em conta a época oitocentista, quando não havia grandes marcos teóricos de tradução, a proposta de Alberto de Oliveira se mostra muito satisfatória, principalmente porque seu objetivo, ao que parece, foi o de homenagear o autor contemporâneo, como exercício poético. Sem embargo, constata-se que Alberto de Oliveira pode ser equiparado a tradutores de envergadura, pertencentes não só ao século dezenove, mas também à atualidade.

BIBLIOGRAFIA

OLIVEIRA, Alberto de. *Poesias completas* (ed. crit. por Marco Aurélio Mello Reis). Rio de Janeiro: Eduerj, 1978-9

<http://www.revue-texto.net/Reperes/Cours/Mezaille/cygnsully.html>